

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

DO

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBECC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil

INSTALAÇÃO DA CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO

Na solenidade da Instalação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, realizada no dia 22 de agosto de 1958, no Gabinete do Ministro de Educação e Cultura, Professor Clovis Salgado, proferiu as seguintes palavras:

DISCURSO DO MINISTRO CLOVIS SALGADO

Tenho a honra de declarar instalada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

A Defesa do folclore brasileiro é um dever indeclinável do Governo. Não há quem discorde disso. Entretanto, era preciso passar de um desejo consciente para uma realização prática. É esta determinação que está assumindo neste momento, o Governo brasileiro, quando se instala a Campanha de Defesa do Folclore. Trata-se de uma iniciativa do Presidente Juscelino Kubitschek reclamada pelos setores mais responsáveis, pelos homens mais entendidos no assunto, e por Congressos que se têm realizado no Brasil, sobretudo o último, que se realizou na Bahia. Estamos, portanto, assistindo à concretização de um velho sonho. Nossa pretensão não é apenas fazer um levantamento do nosso folclore em todas as suas manifestações musicais, artísticas, de artes plásticas, artesanatos, enfim, em todas as suas ramificações, mas também cultivar o nosso folclore. Por isso e para isso organizou-se uma comissão composta dos homens mais acaudados e que mais se tem dedicado a esses estudos. Autorizado em decreto presidencial, tive a honra de designar o dr. Mozart de Araujo membro e Diretor Executivo da Campanha, e para compôr o Conselho Técnico de Folclore os dr. Renato Almeida, como membro nato da Comissão, dr. Joaquim Ribeiro, dr. Manuel Diégues Júnior e dr. Edison Carneiro. Portanto, a esses cinco homens está atribuída essa nobre e alta tarefa da preservação do folclore nacional, vale dizer das nossas mais caras tradições.

É um país que se afirma cada vez mais, como o nosso, volta-se para dentro de si mesmo, para as suas mais caras recordações, para o seu patrimônio histórico, para o seu patrimônio cultural.

Estamos assistindo, portanto a um ato de maior relevância: a criação de um novo órgão no Ministério da Educação e Cultura, que vem, de certo modo, completá-lo nesse aspecto fundamental da cultura brasileira. Da importância desse ato, nós ouviremos uma palavra do dr. Renato Almeida. Quero apenas, com estas simples palavras, significar a confiança do Governo nessa ilustre Comissão e desejar que ela, no cumprimento das suas tarefas, possa realizar com eficiência e brilhantismo os seus altos objetivos.

DISCURSO DO DIRETOR EXECUTIVO DA CAMPANHA

O Dr. Mozart de Araujo, Diretor Executivo da Campanha, proferiu em seguida o discurso abaixo:

Menos que como honraria, é com a consciência de uma alta responsabilidade de a cumprir que o Conselho Técnico do Folclore deseja receber de Vossa Excelência o encargo de dirigir a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. E se é certo, Excelência, que ao Diretor Executivo da Campanha falecem os predicados exigidos para a função, valha a certeza de que aos demais membros do Conselho sobram atributos que, por certo, compensarão a desvalia do Diretor Executivo. Congratulo-me pois, com Vossa Excelência pela escolha feliz de companheiros tão representativos e tão ilustres.

Creio desnecessário ressaltar a importância e a significação deste ato

em que Vossa Excelência, concretizando a aspiração de tantos idealistas, dá cunho oficial aos estudos e pesquisas de folclore em nosso país. E não seria eu, senhor Ministro, que tanto conheço e que já tanto sofri as dificuldades e obstáculos da pesquisa e do trabalho individual e isolado, que iria comungar com os pessimistas que, porventura, pudessem ver nesta oficialização uma ameaça da burocratização daqueles estudos. Ao contrário, tenho motivos de convicção pessoal para acreditar que com o advento desta Campanha penetraremos numa fase nova que se há de caracterizar, inclusive, pela renovação dos métodos e processos de estudo do nosso Folclore.

Partindo da consideração elementar de que não é possível, em ciência, sistematizar sobre dados falsos ou precários; partindo do princípio de que nenhum trabalho de interpretação será válido se não tiver a apoiá-lo uma documentação autêntica e copiosa, parece lógico admitir, que a atividade da Campanha deva se concentrar, de modo especial e objetivo, na coleta e no registro imediato de todas as manifestações folclóricas do país.

Não é que se deva temer o desaparecimento do folclore. O folclore não desaparece. Mas o fato folclórico, em razão da própria dinâmica social em que ele se realiza, se reforma, se deforma e se transforma continuamente. Fixar, ao longo do tempo, os vários momentos dessa renovação incessante, de modo que os estudiosos possam identificar, pelo estudo comparativo desses vários flagrantíssimos, as constantes psicológicas e afetivas da nacionalidade, - eis um trabalho que, por si só, justificaria a instituição desta Campanha.

E graças ao apoio que Vossa Excelência nos promete, creio possível atingir agora a uma nova fase em que as nossas danças não mais figurarão nas páginas dos livros, estereotipadas em clichês, como se fossem borboletas sem vôo, nas vitrines dos museus; em que a literatura oral e a fala do nosso povo não cheguem a nós através do simples registro ortográfico sem a sua realidade fonética e linguística; em que a música não seja a simples versão melódica, tantas vezes deformada e desfigurada, pela ausência de seu conteúdo rítmico, dos seus acentos, de suas inflexões características, do seu timbre específico, do seu instrumental próprio.

Bem se compreende, sr. Ministro, que a extensão e a complexidade da tarefa que vamos empreender, estejam a exigir um prévio e metódico planejamento, onde sejam, por igual, equacionados, não apenas o objeto da pesquisa, ou seja, o fato folclórico em si, mas também a sua frequência, o seu calendário, a sua geografia, fatores que, somados, nos fornecem a sua significação social e a sua densidade cultural. O que não padeceria dúvida, porém, é que só estaremos no caminho certo quando estivermos em condições de oferecer e proporcionar aos estudiosos de todo o mundo, o acesso às fontes legítimas e genuínas da cultura popular de nosso país.

E se é certo, Excelência, que a palavra "cultura" adquire cada vez mais em nossos dias, um conteúdo coletivo, seja-me permitido afirmar, que poucas vezes ela terá figurado de modo mais adequado no frontispício do Ministério que Vossa Excelência tão dignamente dirige, como neste momento em que ao seu organograma Vossa Excelência acrescenta um novo órgão destinado ao estudo sistemático e efetivo do Folclore brasileiro.

Ao se investir de suas funções, o Conselho Técnico de Folclore deseja expressar o seu reconhecimento profundo, pela confiança que Vossa Excelência nela depositou.

DISCURSO DO SECRETÁRIO GERAL DA COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Com a palavra, o Professor Renato Almeida, Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore, pronunciou o seguinte discurso:

A Comissão Nacional de Folclore, que tenho a honra de representar nesta Campanha, roga-lhe, Senhor Ministro, que leve a Sua Excelência o Senhor Presidente da República e aceite igualmente os seus agradecimentos sinceros e comovidos pela instituição da Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro, atendendo ao apêlo do I Congresso Brasileiro de Folclore, iniciado nesta capital, faz hoje sete anos e um dia.

A Comissão que o IBCC criou em 1947 conseguiu realizar esforço imenso, mercê do labor infatigável, do devotamento fiel e da competência dos meus ilustres colegas, desde logo revalidando o conceito e o sentido do Folclore, dando ênfase devida à sua importância científica, à necessidade da sua pesquisa, documentação e defesa; insistindo pela inclusão do seu estudo no currículo universitário; situando-lhe os problemas doutrinários em congressos, semanas e mesas-redondas; pugnando pela proteção dos folguedos, das artes e artesanatos do povo; reclamando a aplicação do Folclore na educação, como fator didático do maior alcance; editando no limite de suas escassas possibilidades publicações; levantando uma das raras bibliografias especializadas feitas no país; realizando festivais e exposições, apoiando a organização de museus; estabelecendo e estimulando cursos.

Esse esforço se desenvolveu auspiciosamente em todo o país, mas por si só não podia colimar seus fins sem um órgão oficial, com meios de promover a investigação, o registo, o estudo e a defesa do nosso folclore, tal como apelou ao Chefe da Nação o Congresso do Rio de Janeiro, apêlo a que prometeu atender o Presidente Juscelino Kubitschek, na instalação do III Congresso reunido em Salvador no ano passado. Afirmou então: "quanto mais conhecermos, em bases científicas, os traços culturais da gente brasileira, tanto maior será a possibilidade de se operar tranquilamente o planejamento do Governo, no que tange ao alevantamento dos níveis de civilização da coletividade". E para isso determinou que se estudasse o meio de criar um organismo, não para registrar apenas costumes e histórias do povo, mas para reintegrá-los em toda a sua força e rústica beleza, como um rio des coberto em esplêndida expansão.

Foi uma idéia feliz instalar hoje esta Campanha, na evocação da data que recorda a carta famosa de William John Thoms, ao The Atheneum, de Londres, em 1846, propondo a criação da palavra Folk-Lore, saber do povo, para designar as "antiguidades populares", esses "fatos que, insignificantes em si mesmos, ganham importância se formam uma grande cadeia". O conceito se devia alargar em sucessivas ampliações, no considerar o âmbito desses conhecimentos, que o Folk Lore Society, de Londres, agrupou em três partes: crenças e práticas; costumes; histórias, cantos e ditos, já admitindo as implicações da vida material, o que havia de determinar divergências com os etnógrafos, quanto à distinção dos campos de atividade, num pertinaz e inútil debate. O nosso Joaquim Ribeiro, com acuidade, entende que se diferenciam apenas nos métodos, lavrando ambas as ciências campos comuns, o que é uma forma de explicar a interpenetração dessas ciências sociais.

A Carta do Folclore Brasileiro estabeleceu um conceito amplo, dando por assunto ao Folclore a vida popular em sua plenitude, quer no aspeto espiritual quer no material. É o que me afasto apenas por entender que este aspeto se deve ligar ao elemento mágico, para se tornar na realidade assunto de Folclore. A Carta, reconhecendo a importância dos trabalhos de campo, formulou a necessidade do estabelecimento do Plano Nacional de Pesquisas Folclóricas, que vise ao levantamento, dentro de bases e princípios científicos, dos motivos folclóricos existentes em todas as regiões do país, antecipando assim o programa desta Campanha, à qual deve servir como estatuto orientador.

A nossa preocupação tem de ser precipuamente científica, pois qualquer que seja o conceito de folclore, está perfeitamente definido o seu lugar na "constelação científica das Ciências do homem", como falou Gilberto Freyre. Só assim poderemos pesquisá-lo e documentá-lo devidamente. E é decorrência ainda das palavras citadas do discurso do Presidente Kubitschek. A Campanha terá de girar a carta de nossa geografia folclórica, no que já se vem empenhando o IBGE, com cujo apoio havemos de contar por certo. Se não demarcarmos o nosso caminho, como o Pequeno Polegar, nos vamos perder no meio do mato...

Muita gente ainda fala em colher folclore para evitar que se perca, decorrência aliás da Carta de Thoms, bem assim da pretendida subordinação do Folclore à História, esquecendo, ou não sabendo, que o fato folclórico é vivo e só interessa como tal. O que se chama deformação, claro que não existe no plano exclusivo do folclore, por ser ele fluido por existência, um perpétuo vir-a-ser, em mutação contínua. A influência da civilização mecânica, dissolvendo valores tradicionais, se acolta coletivamente, folcloriza o fato, que assim tem de ser visto e analisado, pois ela sela legitimamente a assimilação que faz o povo de qualquer traço cultural. É o nosso interesse, o interesse do Folclore é o homem, seu estudo se

destina a conhecer a gente humilde - mas suas formas de crendices e rezas, nos seus ritos e officios, no seu labor e na sua técnica, nos seus contos e lendas, nas suas superstições e remédios, nas suas artes e folguêdos, nos seus cantos e danças, nos seus romances e autos, nos seus implementos, artefatos e adornos, nas suas comidas e vestimentas, através de todos os estados de passagem, em permanente contato com o sobrenatural e, pelo animismo, vivificando as coisas com sortilégios e feitiços. Tem de ser enfocada em ângulo científico, pelo que esta Campanha se deve nortear em permanente contato com antropólogos e sociólogos. Temos de partir do amplo para chegar às especializações, levando sempre em conta a interação dos fenômenos folclóricos.

Cabe-nos ainda estudar o estabelecimento de cursos, de sorte a formar pessoa habilitada para as pesquisas de campo, o que foi estabelecido como finalidade precípua da Campanha e é imprescindível à consecução de seus fins. Nesse sentido uma coordenação íntima com as Universidades se tornará muito proveitosa.

A defesa dos folguêdos e a proteção à arte e ao artesanato popular é outro campo em que a ação da Campanha se deve fazer sentir intensa e extensamente, mas, ainda para isso, se torna mister estabelecer os contornos geográficos do nosso folclore, sem o que não nos damos conta de como realizar a incumbência que o Governo nos está cometendo.

Os nomes ilustres que compõem o Conselho Técnico da Campanha, com exceção de quem fala neste momento, mas possui a honrosa representação da Comissão Nacional de Folclore, garantem seu êxito. Vamos trabalhar, Senhor Ministro, com o amor, com a devoção, com a humildade de homens de ciência, para conhecer o Folclore, como elemento essencial de revelação da consciência nacional de nossa gente.

A Comissão Nacional de Folclore rejubila-se com a instalação deste órgão, que tem como êxito magnífico de seus esforços, e continua a servir ao ideal com a mesma fé e o mesmo entusiasmo, colaborando com a Campanha, cujo Conselho foi quase todo recrutado entre seus componentes, a fim de que a generosa iniciativa do Presidente Kubitschek, a que Vossa Excelência deu tão desvelado apoio, resulte num serviço real à nossa ciência e ao nosso povo.

ILB.